

## FREUD, O INCONFIDENTE, E SEUS ESTRANHOS PENSAMENTOS...<sup>1</sup>

FREUD, THE INCONFIDENT AND HIS UNCANNY THOUGHTS...

Ignácio A. Paim Filho<sup>2</sup>

Resumo: O presente trabalho parte de alguns delineamentos que têm por meta especular a ideia do inconfidente como um conceito. Conceito que tem por característica ser agente de ruptura e contrapor-se ao estabelecido, que guarda certa afinidade com o *Das Unheimliche* – trazer à luz o que deveria permanecer na escuridão. Por esse caminho, procura referendar a força inconfidente presente em Freud, que vai estar implicada na produção dos seus estranhos pensamentos. Diante dessa concepção, vai ocupar-se da inconfidência de vinte – rupturas com o hedonismo do princípio do prazer – visando a dar alguma plasticidade à sua proposição; do mesmo modo, busca ratificar a perenidade sinistra da *inegável existência do mal*, em tempos de exacerbação dos ideais narcísicos: insígnia da ominosa *sociedade do desempenho*.

Palavras-chave: Freud. Estranho. Pulsão de morte. Inconfidente. Sociedade do desempenho.

*Abstract: This article starts from some outlines that aim to speculate on the idea of the inconfident as a concept. This concept has the characteristic of being a breaking agent and oppose the established, keeping some affinity with the Das Unheimliche – bring the light upon what should have remain in the darkness. Through this path, we seek to endorse the inconfident force in Freud's writing, which will be implicated in the creation of his uncanny thoughts. In face of this conception, the article will work in the twenty's inconfident text – breaking point with the hedonism of the pleasure principle – attempting to give some plasticity to it's proposition; in the same way, it seeks to ratify the ominous perpetuity of the undeniable existence of the evil, in times of exacerbation of the narcissistic ideals: ensign of the performance society.*

*Keywords: Freud. Uncanny. Death drive. Inconfident. Performance society.*

<sup>1</sup>Este trabalho tem suas origens em um breve ensaio publicado no Febrapsi Notícias (61), 2019.

<sup>2</sup>Psicanalista, membro pleno do CEPdePA, membro titular e didata da SBPdePA. Autor do livro *Inconfidências Metapsicológicas – Das Unheimliche* (Sulina, 2019).  
E-mail: paimiga@terra.com.br

Eu não sou tolo a ponto de pretender que minhas conclusões sobre essas difíceis questões sejam definitivas. Mudei minhas opiniões repetidamente, e estou decidido a mudá-las outra vez com cada mudança de evidência, pois, tal como um camaleão, o pesquisador honesto deve mudar de cor conforme muda a cor do solo em que pisa.<sup>3</sup>

Ser inconfidente, expressão ambígua, que suscita múltiplos estranhamentos. Segundo as definições correntes no cotidiano de nossas vidas, refere-se à traição, a ser desleal, infiel e... Esses sentidos evocam, muitas vezes, sensações que remetem a uma falência do ser ético. Contudo, devemos lembrar que todo o caminho que leva a transformações, com suas inovações, requer um quantum de traição à tradição – permanência em meio à impermanências de *novas evidências*.

Diante dessa proposição, o convite é para nos desprendermos do seu significado mais restrito e nos conectarmos ao sentido que o “Ser Inconfidente” traz consigo, quando associado, por exemplo, ao legado do movimento mineiro do final do século XVIII, inspirado nas ideias iluministas. Essa revolução intelectual nasce da dúvida e da insatisfação com as certezas absolutas da Era das Trevas: trabalhar em prol da independência – ruptura com o poder despótico, ousar ser infiel aos ideais constituídos por um regime autoritário – ser desleal – colocar *sub judice* a hegemonia de um pensar totalitário. Desejo de dissolução do anacronismo, revitalização da passagem do tempo, reinstauração da transitoriedade, provocando aberturas nas muralhas narcísicas da monarquia: estado que visa a sustentar a possibilidade de um *tempo sem tempo* (PAIM FILHO, 2014). Quero crer que o republicano Tiradentes, o único inconfidente punido, estranhamente, com a morte, consista em uma significativa apresentação da especificidade do ser inconfidente: a traição em nome de um ideal de liberdade, um quantum de utopia em meio a tantas distopias. Processo semelhante ocorre, estranhamente menos conhecido, na Bahia, a Inconfidência Baiana (1798). Assentada nos mesmos ideais iluministas, em prol da independência, mas diferentemente da mineira tinha ideais de igualdade de raça, lutava-se também pela abolição. Seus principais líderes, negros e pardos, foram mortos e esquartejados – Luiz G. Virgens, Lucas Dantas, Manoel Santos e João Nascimento... Marcas do preço a pagar por ousar opor-se ao poder dominante – agente de corte – revelando o mal-estar da/cultura?

Partilhando dessa inquietante composição – força de ruptura e construção, em prol de mudanças –, somos convocados a pensar na possibilidade de que *O Inconfidente* adquira o status de um conceito próprio que sua afinidade com *Das Unheimliche* (FREUD, 1969h) suscita. Esse que Freud tem a pretensão de fornecer-lhe o status de uma palavra/conceito, no escopo do que é angustiante – inquietante proposição. Seguindo esses vestígios, pretendo explorar, inspirado no modelo freudiano, *pesquisador honesto*, a especificidade que faz do inconfidente um conceito particular dentro do campo das infidelidades. Tal meta também tem como objetivo efetivar a travessia entre o significado histórico, mito da cultura, para a singularidade no pensar psicanalítico. Se assim o for, essa nossa palavra/conceito requer um olhar mais vertical, tomando por referência que ser inconfidente é uma das propriedades do inconsciente, o *fora da lei* (FREUD, 1969f, p. 177). Inconfidências que geram confidências, meios pelos quais ele se presentifica em seus multimodos de retorno.

Portanto, nosso olhar deve se direcionar para algumas particularidades dessa palavra. Começemos pelo prefixo “in”: em nossa língua materna, apresenta uma dupla função, de negação e vinculação à ideia de movimento (para o interior de algo). Penso que nosso “in” está implicado com essa dupla função: negação e movimento em relação às confidências. Sendo assim, a partícula negativa significa dizer não às confidências e, ao mesmo tempo, significa movimentar-se no terreno das confidências, criar novas-velhas versões para essas. Se nos utilizarmos do retorno recalcado, por um lado, e, por outro, pelo que

retorna do além deste, podemos conjecturar algumas ideias metapsicológicas sobre este. Compreendo que tal concepção também é aplicável para o “in-consciente” – negação e movimento, que remete a um trânsito entre o território do inconsciente e o do pré-consciente/consciente. Entretanto, antes de avançarmos em direção a essa finalidade, vejamos o que o termo confiança tem a nos dizer.

Este termo remete a segredo, algo guardado, ao sigilo... que nos leva a associar com confidencial. Por esses caminhos, temos a possibilidade de fundamentar que o confidencial evidencia pelo menos duas facetas: uma que evoca o privado, o sigilo e, por conseguinte, a importância das fronteiras que delimitam o espaço e o tempo, com suas memórias; e por uma segunda faceta, a do segredo, de algo guardado que o sujeito não tem e não deve ter acesso. Nesse caso, estamos num território de fronteiras alienantes. Este é o território no qual a psicanálise visa a se fazer inconfidente, pois busca trabalhar para que o sujeito seja agente de uma desterritorialidade: tornar consciente o inconsciente, ou ainda: “Onde era o Id, há de ser o Eu” (FREUD, 1969, p. 223). Seguindo esse rastro, Freud em 1910, em carta a Pfister, pronuncia a inconfidente afirmação:

A descrição é, portanto, incompatível com uma boa configuração de uma análise. A gente precisa se tornar um mau sujeito, jogar-se fora, abandonar, trair [...]. Sem tal dose de criminalidade não há produção correta (FREUD, 1998, p. 53-54).

O crime de atrever-se a conhecer? Temos um exemplo notável no mito bíblico do pecado originário, que relata o crime, a inconfidência, cometido por Adão e Eva – traíndo a ordem de Deus/Pai – ousar provar da árvore do conhecimento do bem e do mal. O desejo narrando suas confidências, a vida do humano se instaura, na eterna dialética do bem e do mal, ou melhor, em palavras freudianas, entre a pulsão sexual e a pulsão de destruição.

Seguindo por essa linha de pensamento, Freud surge no mundo científico do final do século XIX, como aquele que virá a *perturbar o sono do mundo* (FREUD, 1969b, p. 32). Esse processo implica, muitas vezes, ficar à margem do saber instituído: “frequentemente sinto-me tão sozinho como nos primeiros dez anos, quando era cercado pelo deserto” (FREUD, 1975, p. 49). Nesse sentido, os postulados da sua ciência, estruturados e sonhados sob o conceito central do inconsciente das representações, com sua sexualidade infantil em seus descaminhos trilhados pelo Complexo de Édipo em parceria com o Complexo de Castração, vêm para contrapor-se à soberania do saber do consciente, indo na contramão do pensamento positivista de suas origens. Cenário condizente com a lógica do recalque em seus três tempos: recalque primário, recalque secundário e o retorno do recalçado. Retorno este que faz suas inconfidências calcadas no conhecido recalçado, que retorna transformado pela dinâmica do processo primário, que condensa e desloca, trazendo à luz algo de desconhecido. Esse algo vai gerar sensações de estranhamento, como registro da alteridade.

O descobridor do inconsciente irá exercer sua função inconfidente – enquanto marca de ser fiel ao princípio de um saber sob constante estranhamento, a indagação como condição da transitoriedade, com seu potencial ético –, não somente em relação ao universo das ciências, com suas *Weltanschauung*, mas também em relação às suas concepções: estranhos pensamentos, mobilizados por um permanente interrogar-se, constituindo-se como inconfidente de suas próprias ideias. “Mudei minhas opiniões repetidamente.”

Sua *Ciência Unheimliche* (PAIM FILHO, 2019) é pródiga de momentos de ruptura, percalços, que potencializam sua capacidade de desenhar e redesenhar as trilhas do seu pensar, possibilitando velhas-novas composições – jogo fecundo entre tradição e inovação: inconfidências gerando a necessidade de estruturar novas confidências. Estas surgem a princípio calcadas nas vicissitudes da pulsão sexual, na busca hedonista pelo prazer: *Sonhos* (1900), *Sexualidade infantil* (1905), *Totem e tabu* (1913), *Narcisismo* (1914), *Pulsões e destinos da pulsão* (1915), *O inconsciente* (1915), *O recalque* (1915), *Luto e melancolia* (1915[1917]), etc. Esse vasto contexto, balizador de sua metapsicologia e de suas recomendações aos que exercem a psicanálise, sofre um embate no final da segunda década do século passado, com a instituição do postulado da pulsão de morte – a emblemática virada de vinte – trair a si mesmo. Tempo de rever seus postulados, entre significar e resignificar, a temporalidade do *Nachträglich*, que se presentifica na construção do conhecimento: o suportar a dor, que comporta o golpe, do não saber, como fonte de excitação para a busca de novos saberes, na intrigante condição de ser camião e, ao mesmo tempo, não perder sua singularidade – *mudar de cor conforme muda a cor do solo em que pisa* – policromismo em meio a um monocromismo estrutural.

Visando a dar maior fundamentação a esse breve traçado do pensar freudiano, faz-se necessário contemplar, entre sensações conhecidas e desconhecidas, o texto de abertura das ominosas estranhezas dos anos vinte: *Das Unheimliche*.

#### **DAS UNHEIMLICHE – O MENSAGEIRO DO ESTRANGEIRO QUE NOS HABITA**

Não consigo imaginar como algo agradável viver sem trabalhar. Fantasiar e trabalhar, para mim, estão juntos, e nada me agrada mais que isso.<sup>4</sup>

Em maio de 1919 na Áustria, Viena, Berggasse 19, Freud retoma um antigo texto, inacabado, e começa a *trabalhar*, quem sabe *fantasiar*, visando a reescrevê-lo: *Das Unheimliche*. Nesse retorno, vai configurar o esboço de uma intrigante estética psicanalítica, visando a criar um conceito específico no seio do que é angustiante. Tal pretensão se faz justificável, na medida em que a compreendemos como um indicador precioso para discriminar e qualificar percepções em meio ao turbilhão das intensidades. Apelo para debruçar-se sobre as inquietantes raízes, derivativos e ramificações dos inconscientes – o inconfidente por excelência –, tomando por sinalizadoras as sensibilidades que remetem à ordem de uma sublime perplexidade, o repulsivo e o doloroso: ao familiar que, por perturbadores caminhos, tornou-se não familiar.

Sabemos que com *Das Unheimliche*, a estética do além do belo, galga-se sentidos que irão reverberar por todo o pensar freudiano – tomando por condutor os estranhamentos, com sua peculiar gramática: fluxo profícuo, por vezes soturno, entre o representável e o irrepresentável, possibilidade de ruptura e exploração do impenetrável que o *Heimliche* comporta. Tempo de fazer inconfidências – *tornar-se um mau sujeito* – decorrentes das manifestações da clínica e da cultura?

Em meio a essas desconcertantes proposições, buscando validá-las, Freud se faz acompanhar de indagações, forjadas na sala de análise – a repetição e seus enigmas, frente ao demoníaco da castração (chancela da finitude) – e pelo

pensar dos escritores criativos – a cultura encenando o drama e tragédia da vida cotidiana. Hoffmann, o mestre da literatura fantástica, com seu *Homem da areia*, acena para a possibilidade de dar visibilidade à invisibilidade dos traumas precoces – Natanael, o *menino de areia*, remove a areia de nossos olhos. O duplo desliza no ritmo da melodia pulsional, que está por vir (pulsão de morte vs. pulsão de vida). Nesses entrelaçamentos cria-se, ou ainda, recria-se uma conhecida/desconhecida cartografia, com suas inconfidências, entre a narrativa do poeta/escritor Hoffmann e a narrativa do poeta/escritor da psicanálise Sigmund Freud: ambos descortinando as sutilezas da alma e as imortalizando através do ato simbólico da palavra falada e escrita. Legado que somos convocados a perpetuar?

O Senhor Sinistro carrega em suas entranhas sensações que demandam reflexões, carregadas de obscuridades, que suportam o conhecido/desconhecido no retorno do recalcado e o desconhecido na repetição pulsional: numa interação rítmica, por vezes arrítmica entre o corpo e alma. Contexto facilitador para acirrar a conexão com os impulsos emocionais não dominados, porém não desligados. Sendo assim, diferentemente do angustiante com sua força mais desgarrada, que impele muitas vezes ao ato, os estranhamentos, enquanto marca da alteridade, mantêm seu compromisso de instigar o *trabalho do feminino* (PAIM FILHO; QUADROS, 2008). Labor que se faz entre o fascínio do não saber e o horror ao saber, sobre as peripécias da transitoriedade – que o permanente interrogar do *infamiliar* sustenta: que sensação é essa?

Este breve contexto introdutório tem por pretensão estimular o *trabalhar/fantasiar* sobre essa temática – transitando entre a fluidez do devaneio e a necessidade da sua apreensão e fundamentação via palavra. Esta que revela, paradoxalmente, limites e possibilidades de transitar para além de si mesma, ampliando os sentidos desse forasteiro centenário, o que transcende o retorno do recalcado. Convite para refletirmos o ominoso em seus aspectos mais primitivos, o pulsional, vigente no sujeito e, por consequência, na cultura. Sensações carregadas de uma inespecificidade que convoca o outro como interlocutor, com sua possível capacidade de tradução: dar palavra e voz ao estrangeiro de nossas origens.

Freud, com sua prosa científica, dialogando com a psicanálise e os psicanalistas do século XXI. Século caracterizado pelo filósofo Byung-Chul Han (2017) como a *sociedade do desempenho*, a positividade do poder, contrapondo-se à sociedade disciplinar (paradigma da era vitoriana), à negatividade do dever. Ordem cultural permeada por imperativos categóricos que visam a atingir o sucesso pleno – fator condicionante da *Agonia de eros* (Han, 2017b) - a dor letal de não corresponder aos ideais de completude. Esse meio social receberá o codinome de *sociedade do cansaço*: trabalho da melancolia em detrimento do trabalho do luto (PAIM FILHO; GARCIA, 2020) – a busca insana pelo *objeto do anseio* envolto numa sinistra nostalgia (PAIM FILHO et al. 2018).

Tomando como indicador essa estranha prosa, que traz consigo a insígnia do ser inconfidente – agente propulsor, para o que *deveria ter permanecido secreto e oculto vir à luz* (FREUD, 1969h, p. 282) –, vejamos o que o destrutivo da pulsão de morte, em vias de constituir-se, tem a nos dizer. A inconfidência de vinte modificando o rumo da história do pensamento psicanalítico: entre o tanático, com seu poder mortífero, e o disruptivo, com seu potencial criativo, entrelaçados por Eros.

## PULSÃO DE MORTE – 1920/2020 – UMA INQUIETANTE PREMISSA PARA O NOSSO TEMPO

Na transição da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho o superego acaba se positivando no eu-ideal.<sup>5</sup>

A inconfidência de vinte, tendo como indicador uma estética do assombro – a intrigante *teoria da qualidade do sentir* (FREUD, 1969h, p. 275) – que transpõe as bordas restritivas do belo e ousa refletir a sublime perplexidade do repulsivo e do doloroso, sintetiza de forma paradigmática a postura freudiana do não se deixar acomodar, do não se submeter ao poder exercido pelo saber vigente: preponderância da libido, com seu móbil desejante, dialética da proibição e da aspiração – condizente com a *sociedade disciplinar*. Com a entrada em cena do conceito subversivo, por que não dizer inconfidente, da pulsão de morte, a destrutividade, como forma de dizer não à positividade absoluta da pulsão sexual, convoca Eros a trabalhar – a *inegável existência do mal* (FREUD, 1969i, p. 142), configurando novas sensibilidades, revelando uma original faceta do mal-estar na e da cultura. Ocasão que enseja pensar as inconfidências do além, o demoníaco, que se apresenta no retorno do renegado e no retorno do forcluído, bem como no irrepresentável com seu ritmo pulsional vacilante. Todavia, não devemos esquecer o demoníaco, o desconstruir, presente em todo ato de criação, precondição para a construção e a reconstrução.

Freud começa a semear ideias, para trabalhar a falência da capacidade de o sujeito estranhar a si e/ou ao outro, transcendendo o paradigma da *sociedade disciplinar* (HAN, 2017) – centrado na lógica do ataque e defesa, ao estrangeiro recalçado/presença de um excesso de negatividade: *tu deves* – e antecedendo a problemática da *sociedade do desempenho* (HAN, 2017) –, lógica de um poder ilimitado/presença de um excesso de positividade: *eu posso* – querer é poder. Narciso refazendo sua história, numa relação de interdependência com o masoquismo. Essa conjunção determina a necessidade de elaborar e reelaborar sua teoria, lançando um olhar para o futuro: a interminável potencialidade de submissão do Ser – fascínio, servidão, devoção e autossacrifício (FREUD, 1969j). O masoquismo, em sua dupla função estrutural e tanática, passa a ser a fonte da vida e da morte psíquica.

Antes de avançarmos por essa estrada, façamos uma breve interpolação, para retomarmos o lugar da repetição na dinâmica psíquica. Repetição, como fenômeno clínico, será um dos fatores determinantes da virada de vinte.

Diante das mensagens desse estrangeiro que nos habita, com seu potencial de suscitar estranhamentos, em mim e/ou no outro, resgatemos a questão do retorno: com recalque e sem recalque. No retorno do recalçado, via deslocamento e condensação, através dos sonhos, atos falhos, sintomas, chistes e transferências, há um movimento de inconfidência, que leva a fazer confidências sobre o desejo recalçado. Contratos de repetições com maior poder de transformação, abarcados pela força impelente do estranho, terra propícia para acontecer o repetir, o recordar e, quem sabe, o elaborar. Nesse contexto se apresenta um conflito vital entre Eros e a pulsão de destruição, mediado pelo trabalho do luto, diante do inexorável saber da castração. Quanto ao que retorna do não recalçado, temos, por modelo, confidências geradas com menor trabalho psíquico: desde as inconfidências nos delírios, nas alucinações e no fetiche – circunscrito ao universo representacional da coisa – até as afecções

psicossomáticas, transtornos alimentares, bem como na drogadição – universo do irrepresentável –, território dos traumas precoces, inscrições sem traduções – a interminável repetição do mesmo, a compulsão à repetição, na qual a capacidade de estranhamento pelo sujeito entra em colapso: necessidade de um outro semelhante capaz de ser receptor dessas memórias inenarráveis?

Estes misteriosos processos envolvidos na repetição, do estrutural à compulsão à repetição, assentados na força imanente da autodestruição, limitam e delimitam a abrangência da força propulsora da busca pelo prazer: o traumático e a repetição do não prazeroso ampliam a complexidade do humano – a questão do prazer e da dor requer novos aportes metapsicológicos: a passividade antecede a atividade – o protagonismo do objeto no alvorecer da vida psíquica está posto.

Coerente com seu estilo inconfiante, Freud, em 1924, confere ao masoquismo o status estrutural, o sadismo passa a ser uma forma de apresentação deste. Seguindo essa proposição, vai determinar a primariedade desse em relação ao sadismo. A problemática do masoquismo como primeiro destino pulsional (PAIM FILHO; MACHADO, 2018) ganha maior relevância. A vida psíquica tem seus destinos traçados entre o masoquismo protetor – a dor como condição inerente ao trabalho do luto – e o masoquismo narcotizante – a impossibilidade de elaborar a dor inerente ao trabalho alienante da melancolia, a dor pela dor. A intrincação do psiquismo no encontro entre a pulsão de morte e a pulsão sexual – matriz fundante – aciona a necessidade de rever o lugar do objeto na estruturação do psiquismo. Esse pressuposto encontra-se balizado pela ideia de que a pulsão de morte é constitutiva e a pulsão sexual é oriunda do objeto. Sendo assim, a metapsicologia do processo identificatório, em sua íntima relação com o trabalho do luto versus o trabalho da melancolia, ratifica a importância determinante dos objetos primários na constituição do Eu – do estrutural à *tragédia do destino* (FREUD, 1969m, p. 79).

Estranhamente, um ano após o escrito sobre o problema do masoquismo, Freud vai escrever o texto *A negativa* (FREUD, 2004b). Este texto surge, ou quem sabe ressurgiu, assinalando a importância do disruptivo – o fator vitalizante da assimetria pulsional – como fonte estimuladora de trabalho psíquico: o não como sucedâneo da pulsão de destruição demandando labor da afirmação, o substituto de Eros. A sua frágil presença propiciando uma exacerbação do sim, com sua alta potencialidade de indiferenciação. Compreendo que esse texto revitaliza a importância da negatividade como condição para galgar maior liberdade psíquica. Prosseguindo nesse roteiro, vejo nesse trabalho de 1925 um sinalizador significativo para instrumentalizar aberturas no pacto narcísico, assentado no masoquismo narcotizante, que vem caracterizando a sociedade do desempenho – momento de dar voz ao demoníaco como fonte de criação. Temos aqui assinalada a necessidade de desestabilizar o *modus operandi*, utilizando a força disruptiva da pulsão de destruição para desfazer as ligações narcísicas tanáticas que impõem ao sujeito a busca desesperada por ideais inalcançáveis: “A experiência analítica nos ensinou que o melhor é inimigo do bom” (FREUD, 1969e, p. 264).

Seguindo esse traçado da cultura, com seu convite ao pensamento clínico, o processo analítico também sofre embates. Suas recomendações técnicas de 1912-1915 centradas na metáfora do analista como espelho e/ou a desafeitação do cirurgião se liquefazem – não somos seres neutros: “deve-se levar em conta não apenas a natureza do eu do paciente, mas também a individualidade do analista” (FREUD, 1969e, p. 281). Freud intervém de maneira disruptiva nes-

se momento, lança um olhar agudo para esse sujeito chamado analista. Tempo de fazer trabalhar as implicações do ser analista, sua subjetividade marcando destinos. Essa proposição torna-se mais proeminente diante da importância da construção, tal qual a interpretação, no fazer do analista: *o per via de porre* se reatualiza – a possibilidade desconcertante de criar representações convoca os analistas a *fantasmar e trabalhar*, visando a romper fronteiras, o desassombro de reencontrar-se com o fantasma da sugestão. A inconfidente afirmação de que o processo analítico é resultante do trabalho dos inconscientes da dupla ganha maior amplitude: desafio de seguir laborando para: “não fundir o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão direta” (FREUD, 1969g, p. 211). *Análise terminável e interminável* e *Construções em análise* regando as inconfidências finais de Freud, o mito do eterno retorno produzindo ressonâncias surpreendentes: o mal-estar na cultura psicanalítica – limites do processo analítico, limites dos analistas, limites dos nossos referenciais teóricos. Limites como ponto final ou como ponto de partida?

Os estranhos pensamentos de Freud constituem um extenso celeiro de instrumentos teóricos e técnicos, produto de sua incansável ousadia de conquistador, o infundável aventureiro – nascente de irrigação de estranhamentos – referências que pulsam em busca de serem ressignificadas, como também significadas. Anúncio de um novo tempo – a ubiquidade *Das Unheimliche*. Cenário que impele a perplexidades, que convoca os analistas a arriscarem-se a viver e fazer confidências (o conhecido) e inconfidências (o desconhecido), na clínica e na cultura – *não ser tolo a ponto de pretender que suas conclusões sobre essas difíceis questões sejam definitivas*: perpetuar o lugar da psicanálise, em tempos que proliferam nefastas lealdades alienantes – o fascínio pelo idêntico – como fonte de inconfidências, motor para perpetuar a profícua produção de estranhos pensamentos...

#### NOTAS

3. FRAZER, 1910 apud FREUD, 2014, p. 166.
4. FREUD, 1910, p. 49.
5. HAN, 2017, p. 100.

#### REFERÊNCIAS

- FREUD, S. A dissecção da personalidade psíquica. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 22**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. À guisa de introdução ao narcisismo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 1**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- \_\_\_\_\_. A história do movimento psicanalítico. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 14**. Rio de Janeiro: Imago, 1969b.
- \_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 4-5**. Rio de Janeiro: Imago, 1969c.
- \_\_\_\_\_. A negativa. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 3**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004b.
- \_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 2**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004c.
- \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 23**. Rio de Janeiro: Imago, 1969d.



- \_\_\_\_\_. Carta de Freud a Pfister – 05/06/1910. In: \_\_\_\_\_. **Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939)**. Viçosa: Ultimato, 1998.
- \_\_\_\_\_. Carta de Freud a Salomé, 30/07/1915. In: \_\_\_\_\_. **Freud e Lou Andreas-Salomé: correspondências completas**. Imago: Rio de Janeiro, 1975.
- \_\_\_\_\_. Construções em análise. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 23**. Rio de Janeiro: Imago, 1969e.
- \_\_\_\_\_. Inibição, sintoma e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 20**. Rio de Janeiro: Imago, 1969f.
- \_\_\_\_\_. Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 17**. Rio de Janeiro: Imago, 1969g.
- \_\_\_\_\_. Luto e melancolia. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 2**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004d.
- \_\_\_\_\_. O estranho. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 17**. Rio de Janeiro: Imago, 1969h.
- \_\_\_\_\_. O eu e o id. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 3**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004e.
- \_\_\_\_\_. O inconsciente. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 2**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004f.
- \_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 21**. Rio de Janeiro: Imago, 1969i.
- \_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 3**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004g.
- \_\_\_\_\_. O recalque. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 1**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004h.
- \_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 18**. Rio de Janeiro: Imago, 1969j.
- \_\_\_\_\_. Pulsões e destino da pulsão. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da psicologia do inconsciente: vol. 1**. Org. de L.A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004i.
- \_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 12**. Rio de Janeiro: Imago, 1969k.
- \_\_\_\_\_. **Totem e tabu**. L&PM: Porto Alegre, RS, 2014.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a sexualidade infantil. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 6**. Rio de Janeiro: Imago, 1969l.
- \_\_\_\_\_. Um estudo autobiográfico. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: vol. 20**. Rio de Janeiro: Imago, 1969m.
- HAN, B-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Agonia de Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- PAIM FILHO, I.A. O enigma do tempo: Freud e sua temporalidade (sobre o *Nachträglich*). In: \_\_\_\_\_. **Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte**. Porto Alegre: Movimento, 2014.
- \_\_\_\_\_. Psicanálise: uma ciência *Unheimliche*. In: \_\_\_\_\_. **Inconfidências metapsicológicas – Das Unheimliche**. Sulina: Porto Alegre, 2019.
- PAIM FILHO, I. A.; GARCIA R. M. **Identificação: a imanência de um conceito**. Porto Alegre: [s.n.], 2020.
- PAIM FILHO, I. A. et al. Complexo melancólico: o anseio da alma. In: \_\_\_\_\_. **Percurso Rev. de psicanálise/Instituto S. Sapientiae**, n. 61, p. 89-100, 2018.

PAIM FILHO, I. A.; MACHADO, A. P. T. **Masochismo destino das pulsões: origem do sujeito.** In: CONGRESSO DA FEPAL, Lima, 2018.

PAIM FILHO, I. A.; QUADROS, V. A guerra e o repúdio ao feminino: Troia como paradigma. **Rev. bras. psicanálise**, v. 42, n. 4, p. 99-109, 2008.

EM PAUTA